

“COM QUE ROUPA EU VOU?”: O CLUB LÍTERO-RECREATIVO ANNAPOLINO E A INDUMENTÁRIA FEMININA

Amanda Milanez Fenerick¹ (PG), Robson Mendonça Pereira² (PQ)

Universidade Estadual de Goiás, BR 153 Quadra Área, km 99, Anápolis Goiás.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo tecer algumas reflexões a respeito do *Club Lítero-Recreativo Annapolino* e a indumentária feminina. Palco dos principais eventos sociais da cidade de Anápolis, o clube representava um *locus* de socialização entre os cidadãos anapolinos da época. Líderes políticos e comerciantes se reuniam semanalmente para contemplar os eventos do clube. Nesse universo, a mulher anapolina se expressava não somente por meio de declamações e números de canto, mas também por meios de suas vestimentas.

Palavras-chave: Anápolis. Indumentária. Mulher. Clube.

Introdução

A década de 1930 é um período marcante no quadro da história da cidade de Anápolis. A chegada da *Estrada de Ferro Goyaz*³ ao município, em 7 de setembro de 1935 é, sem dúvida, um dos principais acontecimentos da época. Os municípios goianos almejavam a chegada dos trilhos, símbolo de um desenvolvimento ímpar para a região. Exercendo um papel importante tanto na economia quanto no crescimento populacional, a estrada de ferro fez da cidade de Anápolis o maior centro comercial de Goiás no período.

A chegada dos trilhos, a dinamização da economia com o aumento das atividades comerciais, os melhoramentos urbanos, tudo isso fez de Anápolis um pólo atrativo

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Especialista em Políticas Públicas e Dinâmicas Territoriais (UEG). Mestranda do Programa Interdisciplinar de Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (UEG). Atualmente Docente na Universidade Estadual de Goiás. E-mail: amandamilanez07@gmail.com.

² Doutor em História (UNESP). Professor do curso de História e do Programa de Pós-graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Anápolis CSEH. CEP. 75110-390. Anápolis, Goiás, Brasil. Bolsista do Programa de Bolsa de Incentivo ao Pesquisador (PROBIP/UEG).

³ A Estrada de Ferro Goiás (Goyaz como se escrevia na época), que partia de Araguari, no Triângulo Mineiro, teria um papel substancialmente importante ao promover o processo de integração ferroviária dos municípios goianos que ela foi cruzando, como Catalão, Goianira, Ipameri, Pires do Rio, Vianópolis, Silvânia, Leopoldo de Bulhões e, finalmente, Anápolis, onde os trilhos chegariam em 1935 (ROCHA, 2007, p. 108).

na região e terminou por criar uma rede de dependência, no setor de serviços, entre dezenas de municípios goianos e o município anapolino. Esse processo foi lento, mas contínuo, e integrou a economia anapolina à economia nacional. A compra e venda de mercadorias cresceu e dinamizou a economia local, transformando a cidade em centro comercial do Estado. (POLONIAL, 1995, p. 33)

Para o povo anapolino o “gigante de aço” era sinônimo de otimismo e progresso. “A estrada de ferro criada na Inglaterra chega a Anápolis com toda a pompa e circunstância para destacar esse município no mapa do Brasil” (LEITE; CHIAROTTI, 2010, p. 16). Não só a população se preparou para o grande dia, como a cidade foi ornamentada com arcos floridos e limpa para a grande festa. A celebração reuniu não somente pessoas da cidade de Anápolis, como viajantes e aqueles que vieram de outros municípios para assistir a grande inauguração. Segundo Ferreira (2011), hotéis e pensões ficaram superlotados.

A chegada da estrada de ferro foi um dia memorável na história de Anápolis, merecedora de um grande baile, realizado no principal ponto de encontro da sociedade anapolina da época, o *Club Littero-Recreativo Annapolino*. Reunindo líderes políticos, intelectuais, comerciantes, agricultores e boa parte da comunidade local, a festa de inauguração da estrada de ferro representava uma nova fase para a cidade, agora mergulhada definitivamente no ideal da modernização.

Nesse universo festivo da cidade, a indumentária era capaz de expressar o sentimento de mudança que pairava no ar, um sentimento despertado desde a notícia de que os trilhos adentrariam as terras anapolinas. “Com que roupa eu vou?” Essa certamente era uma das perguntas que rodeavam a mente das pessoas da época, em especial da mulher anapolina, em um dia tão importante como este. Segundo Monteiro (1974), Goiás estava por demais afastado do Rio e de São Paulo, mas as pessoas se trajavam de acordo com os últimos figurinos de Paris. Havia bom gosto de homens e mulheres (p. 50).

Como destaca Roche (2000), o vestuário⁴ fala de muitas coisas ao mesmo tempo, possui uma função de comunicação, pois revela a relação de cada um com a comunidade. É nesse sentido, da linguagem das aparências, que este trabalho procura estabelecer uma relação entre o *Club Littero-Recreativo Annapolino* e seus eventos, e a figura da mulher, caracterizada por meio de sua indumentária.

⁴ Utilizaremos neste trabalho as palavras *vestimenta* e *indumentária* de acordo com a definição de Roche (2000): “Com efeito é preciso distinguir a *vestimenta*, fato do indivíduo, que se apropria do que lhe é proposto pelo grupo, do *traje* ou da *indumentária*, elementos de um sistema formal e normativo consagrado pela sociedade (ROCHE, 2000, p. 257).

O Club Lútero-Recreativo Annapolino e a indumentária feminina

Foi no *Cine Áurea*, em meados de abril de 1934, durante um recital de poesias, que a ideia da criação do *Club Lútero-Recreativo Annapolino* desabrochou. Fruto da iniciativa de Luiz Caiado de Godoy e contando com a adesão de Manuel Gonçalves da Cruz, Orlando Motta e Sebastião Guimarães⁵, em 29 de abril de 1934 foi marcada a primeira reunião⁶ e eleição da primeira diretoria para a fundação do clube. Ferreira (2011) destaca que a “*Ata da Sessão preparatória para a instalação do Club Lútero-Recreativo Annapolino*” frisava a necessidade da organização de um club lútero-recreativo na cidade.

A festa inaugural do clube foi realizada no dia 4 de agosto de 1934, às 20 horas, no salão do *Cine Áurea*, sendo solenemente empossada a diretoria do *Club Lútero-Recreativo Annapolino*. O hino oficial do clube, composto por Xavier de Almeida Júnior⁷, aspirava que Anápolis fosse a Atenas de Goiás, ou seja, um berço cultural do qual o “Club Literário e também Recreativo” fosse seu principal incentivador: “(...) Para que não fique apenas notável, materialmente, queremos que seja a Atenas de Goiás e sua gente. Junto ao progresso e à cultura, não faça falta a alegria, que nosso Club procura, estimular, dia a dia” (FERREIRA, 2011, p. 204).

Segundo Ferreira (2011), até julho de 1935 o clube não possuía sede própria e suas festas se realizavam no salão do *Cine Áurea*. As reuniões da diretoria eram feitas tanto na sede do *Anápolis Sport Club* quanto na Escola Normal⁸, ou ainda na residência de algum dos diretores. No ano em que completou seu primeiro aniversário, em 29 de abril de 1935, a festa realizada no salão do *Cine Áurea* teve início às 21 horas e contou com uma *overture* realizada pelo *Jazz-Club*, abertura do presidente do clube Luiz Caiado de Godoy, discurso do orador oficial Carlos Bezerra, declamações de senhoritas, uma comédia em três atos chamada *Priminho do*

⁵ Luiz Caiado de Godoy, Manuel Gonçalves da Cruz e Orlando Motta trabalhavam juntos e tinham seu escritório de engenharia montado numa sala em casa de Arinesto de Oliveira Pinto, na antiga Rua Antônio Carlos. Sebastião Guimarães era dono da tipografia onde se editava o jornal **Voz do Sul** (FERREIRA, 2011, p. 203).

⁶ A reunião foi feita na sede do *Anápolis Sport Club* na Rua Antônio Carlos, onde, nos tempos hodiernos, funciona a Padaria Portuguesa (FERREIRA, 2011, p. 203).

⁷ O hino composto por Xavier de Almeida Junior foi apresentado por Orlando Motta em reunião realizada em 15 de janeiro de 1935 no club, sendo os versos aplaudidos com unanimidade pelos presentes (FERREIRA, 2011, p. 206).

⁸ A Escola Normal foi fundada no ano de 1931 pelos esforços de Graciano Antônio da Silva, Aquiles de Pina e o prefeito João Luiz de Oliveira (FERREIRA, 2011, p. 140).

Coração e ainda números de canto (FERREIRA, p 215/216). No período em que as atividades do clube ocorreram no salão do *Cine Áurea* realizaram-se festas, festival lítero-teatral e diversas outras programações.

É interessante notar nos relatos dos eventos que as declamações, números de cantos e monólogos eram sempre realizadas pelas senhoritas pertencentes às famílias de destaque na sociedade anapolina, como políticos e comerciantes. Vez ou outra se encontra a participação de rapazes: “Em números de canto salientaram-se as graciosas meninas Nusa de Pina Campos e Stela Dalva Alves que, como sempre, foram entusiasticamente ovacionadas. O *Jazz-Club* esteve extraordinário” (FERREIRA, 2001, p. 216). O *Jazz-Club* é citado em praticamente todos os eventos realizados pelo clube, o que demonstra sua aparente importância nas festividades e na própria cidade.

Após reunião realizada em 31 de julho de 1935 ficou decidido que a primeira sede social provisória do clube seria instalada no antigo prédio do *Cine Goianás*, de propriedade de Maximiano Alves da Cunha, um prédio magnífico para a época. Somente em 26 de outubro de 1935 é que de fato ocorre à inauguração da nova sede do clube, um “acontecimento de remarcado relevo na sociedade de Annapolis”, como ressalta a matéria do jornal **O Annapolis**:

O festival comemorativo desse feliz advento que representa o início da segunda etapa da vida do Club, teve lugar no dia 26, p. passado, revestindo-se de um brilho excepcional.

O salão que estava rica e artisticamente ornamentado e iluminado a *giorno*, impressionou agradavelmente a todos pelo seu aspecto atraente e festivo.

O baile esteve animadíssimo e prolongou-se até as 3 horas da madrugada, tendo comparecido todo o escol da sociedade anapolina, bem como inúmeros visitantes ilustres, que estavam de passagem na cidade (**O Annapolis**, ano I, 3 nov. 1935).

Com a sede provisória as atividades do clube aumentam consideravelmente. Concursos e bailes se tornam rotineiros: “Os bailes mais importantes do clube eram o da Chita e o da Primavera, sempre com concursos de beleza, trajes, etc., o que incentivava a vaidade da mulher anapolina, que se requintava o máximo possível no vestir (FERREIRA, 2011, p. 218). Ligado a todos os fenômenos culturais, econômicos e sociais, o papel crucial do vestuário era revelar primeiro a vinculação a um sexo. Segundo Roche (2000), a adoção do traje do outro sexo era uma subversão perturbadora de todas as ordens nas antigas sociedades. Na sociedade

anapolina da época não era diferente, conservava-se a necessidade substancial de diferenciação entre o traje dos homens e o das mulheres.

O sonho das meninas era poder usar vestido comprido... passar a senhorita!...

Rodados, de fazenda leve, enfeitados com rendas, os vestidos sempre tinham “babado”, um ou mais. Geralmente de uma só côr, eram cingidos na cintura por grande faixa. De fita de cetim, com uns cinco dedos de largura, as faixas eram amarradas atrás com artístico laço de pontas pendentes até a barra do vestido (MONTEIRO, 1974, p. 50).

O vestuário desempenhava ainda uma correlação com uma comunidade, idade, profissão e posição social. Um papel essencial era o de distinguir situações, como a festa e o cotidiano. A roupa comum não bastava mais para o domingo e para as festas, vestia-se o “melhor” traje para as chamadas ocasiões importantes. O consumo de vestimentas aumentava proporcionalmente aos eventos. “Os rapazes faziam questão de se vestir bem. Alguns chegavam, até, a encomendar ternos de Paris, por intermédio de representantes das alfaiatarias de lá” (MONTEIRO, 1974, p. 52). Maior quantidade de eventos gerava aumento à procura de alfaiates e modistas na cidade, sinônimo de maior produção de vestimentas e consequentemente maior consumo.

A sede provisória foi um grande passo para que o clube pudesse conquistar sua sede própria, o que só iria ocorrer em outubro de 1945. No ano de 1936, Francisco Rivero sugere que a palavra lítero fosse suprimida do nome original, passando o clube a denominar-se *Club Recreativo Anapolino* (CRA)⁹. A construção da sede própria do CRA teve início em 29 de janeiro de 1941, em terreno situado à Praça da Bandeira – hoje Praça Bom Jesus – e a sociedade anapolina durante os anos de 1943, 1944 e parte de 1945 ficou sem seu salão oficial de festas. A morosidade das obras se arrastou até meados de 1945, quando Jonas Duarte assume a presidência da casa comprometido em finalizar as obras. Finalmente, em 6 de outubro de 1945, o CRA inaugura sua sede própria, com um finíssimo baile a rigor, animado por duas *jazz-bands* (FERREIRA, 2011).

Segundo Ferreira (2011), para fazer a reportagem da festa de inauguração do clube, foi contratado especialmente para tal um repórter do jornal **A Noite**

⁹ O Club Recreativo Anapolino (CRA), ganha ainda outra denominação em 1941, passando a se chamar Anápolis Tennis Club (ATC). Em 18 de maio de 1945 volta à sua denominação anterior por sugestão de seu presidente, Jonas Duarte. Mesmo durante o período em que se chamou Anápolis Tennis Club a sigla ATC não caiu nas graças do povo anapolino, que continuaram a usar sempre o nome de CRA (FERREIRA, 2011, p. 214).

Ilustrada, vindo diretamente do Rio de Janeiro para registrar a esplendorosa festa. O repórter tece os maiores elogios à Anápolis, ao prédio e à inauguração do clube, ressaltando que poucas cidades do interior brasileiro terão um clube tão notável:

Anápolis, no esplendor dos seus dias presentes, que a história registra, marcará a noite da inauguração do Club Recreativo Anapolino, com a tinta violeta da saudade, como sendo a noite em que a cidade ganhou um monumento de arquitetura e deu à sua sociedade o ponto para as suas reuniões mundanas. (FERREIRA, 2011, p. 222 *Apud A Noite Ilustrada*, de 04 de dezembro de 1945).

Ainda de acordo com o jornal, a inauguração do clube recreativo foi marcada pela “suntuosidade de suas linhas arquitetônicas (...), vestidos vindos dos EE. UU¹⁰ – a juventude se diverte”. (FERREIRA, 2011, p. 221 *Apud A Noite Ilustrada*, de 04 de dezembro de 1945). Com relação à mulher anapolina, o jornal ressalta que estas revestiram a noite de um brilhantismo inigualável por meio de suas vestimentas.

A sociedade local, representada pelos seus mais finos ornamentos femininos, compareceu. As senhoras e senhoritas, ostentando maravilhosas *toilettes*, muitas delas vindas dos Estados Unidos, aumentaram o esplendor da noite que ficou gravada na história da cidade, como a noite de gala, fascínio, onde as gemas raras cintilavam, dando maior realce à maravilha das *toilettes*. (FERREIRA, 2011, p. 221 *Apud A Noite Ilustrada*, de 4 de dezembro de 1945)

A grandiosa inauguração do *Club Recreativo Anapolino* foi definitiva para coroar sua permanência como o mais importante *locus* de encontro da elite anapolina do período. “Dentre as pessoas daquela época, muitas já não vivem mais. As senhoritas são vovós... E daquele prédio tão suntuoso, tão arquitetônico, tão belo, de tão gloriosas lembranças, nada mais existe, a não ser a recordação dos que o viram” (FERREIRA, 2011, p. 222). As figuras 7 e 8 demonstram as mais belas indumentárias usados pelas damas da alta sociedade anapolina naquela noite de inauguração do Club Recreativo.

Na figura 7 é possível perceber a imponência dos vestidos. Confeccionados, em sua maioria, em tecidos brilhantes e em cores que destoavam do tradicional branco, um sinal de distinção social, os vestidos aparentam possuir várias camadas, certamente engomadas, a fim de ficarem bem armados. Com babados e revestidos por ornamentos variados chegam até os pés, não sendo possível avistar os sapatos.

¹⁰ Estados Unidos da América.

Os cabelos presos e enfeitados refletiam que aquele era um dia simbólico para a sociedade anapolina. Nitidamente, a inauguração do clube representava a afirmação de um espaço destinado a receber os mais notáveis cidadãos anapolinos.



Figura 7 – Baile de inauguração do Club Recreativo Anapolino

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”. Anápolis, 6 de out. de 1945.

Em espaços de socialização como CRA era comum às mulheres se reunirem em grupos para conversar, assim como os homens para discutir sobre negócios. Na figura 8 é possível ainda observar um homem sentado, portando um tradicional traje masculino: “(...) um “terno”, composto de calça, colete e paletó. A camisa, sempre branca, tinha “peito duro”, colarinho e punhos duros, muito engomados” (MONTEIRO, 1974, p. 52).



Figura 8 – Baile de inauguração do Club Recreativo Anapolino

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”. Anápolis, 6 de out. de 1945.

O baile de inauguração do CRA caracterizou-se como um momento das mulheres exibirem suas melhores e mais belas *toilettes*, criações que, como destaca a reportagem do jornal **A Noite Ilustrada**, vieram dos Estados Unidos especialmente para tal ocasião. Nesse mundo das aparências, a indumentária estava encarregada de reafirmar os níveis econômicos e sociais que o Clube Recreativo Anapolino pretendia construir como imagem.

Considerações Finais

A fundação do Club Recreativo Anapolino (CRA) é um exemplo da mudança nos espaços da cidade de Anápolis, com o intuito de oferecer aos cidadãos momentos de cultura e lazer. A chegada da estrada de ferro em 1935, período em que o clube estava em franco desenvolvimento, acredita-se, foi fundamental para estimular seu crescimento. O clube foi *locus* dos principais eventos da cidade desde sua inauguração e o aumento dos visitantes e imigrantes à cidade foi um dos fatores que estimularam sua expansão e permanência. A sociedade anapolina considerava essa “agremiação” indispensável para a cidade.

Evidentemente o CRA passou por mudanças substanciais nesse hiato entre sua fundação e inauguração da nova sede em 1945. Quando ainda realizava suas atividades no salão do *Cine Áurea* ou mesmo na sede provisória no *Cine Goianás*, o clube, aparentemente, era capaz de abarcar os diversos níveis sociais da população anapolina com seus eventos. Prestígio e suntuosidade não era uma marca do clube. Com a inauguração da nova sede é notória a seletividade social que o clube passa a apresentar. A nota a respeito dos vestidos vindos de outro país para a inauguração indica que dificilmente o clube seria, a partir de tal momento, frequentado por uma camada social que não fosse capaz de bancar tais regalias.

Nesse sentido, por meio da análise aqui tecida, é possível estabelecer uma ligação entre o CRA e a indumentária feminina do período, pois a vestimenta era uma espécie de espelho da vida dos homens e das mulheres da época. Por meio dos modos de vestir podemos conceber os costumes e tradições de um povo, os diversos papéis que a vestimenta foi capaz de produzir dentro da sociedade. Ainda hoje, e provavelmente por muitos séculos, ainda iremos nos perguntar: “Com que roupa eu vou?”.

Agradecimentos

Agradeço à Universidade Estadual de Goiás (UEG) e ao Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) e ao professor Dr. Robson Mendonça Pereira pela orientação e auxílio durante todo o tempo de pesquisa. Agradeço ainda ao professor Dr. Ademir Luíz da Silva pelas preciosas contribuições com minha temática de pesquisa.

Referências

FERREIRA, Haydée Jayme. **Anápolis, sua vida, seu povo**. Goiânia: Kelps, 2011. 2ª ed.

LEITE, Jairo Alves; CHIAROTTI, Tiziano Mamede. **Estrada de ferro: uma linha entre Manchester e Anápolis**. In: Cadernos de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”, Ano 2, nº 2. Anápolis, Goiás, 2010.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Reminiscências: Goiás de antanho, 1907 a 1911**. Goiânia: Oriente, 1974.

POLONIAL, Juscelino Martins. **Anápolis nos tempos da ferrovia**. Dissertação de Mestrado: UFG, 1995.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais: nascimento do consumo. Século XII-XIX**. São Paulo: Rocco, 2000.

FONTE

JORNAL O ANNAPOLIS. Disponível no Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”.